

A INFLUÊNCIA AGOSTINIANA NA TEOLOGIA CALVINISTA¹

The agostinian influence in calvinist theology

Carlos César Gomes Mendes²

RESUMO

Neste artigo procurou-se fazer um levantamento histórico-crítico das raízes e origem da Teologia Calvinista em relação a algumas doutrinas muito conhecidas no meio evangélico, destacando a importância das obras de Agostinho e da tradição teológica católica romana na formulação do pensamento teológico de João Calvino e na produção de suas Institutas da Religião Cristã. As doutrinas analisadas foram: predestinação e eleição incondicional, pré-conhecimento, depravação total e mistério, amilenismo, prisão de Satanás e batismo de crianças. Além de que, buscou-se na teologia produzida pelos Pais da Igreja pré-agostinianos, algum que formulou embrionariamente algumas dessas doutrinas presentes na teologia Calvinista.

Palavras-chave: Agostinho; Calvino; catolicismo romano; Pais da Igreja; teologia calvinista.

ABSTRACT

In this article we try to make a historical-critical survey of the roots and origin of calvinist theology in relation to some well-known doctrines in the evangelical

¹ O artigo foi recebido em 13 de janeiro de 2017 e aprovado em 15 de fevereiro de 2017 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² Estudante de Teologia da FACULDADE DE TEOLOGIA HOKEMÃH. Graduado em Licenciatura em Matemática pelo IFMA e mestrado em Engenharia da Eletricidade pela UFMA. E-mail: ccesargomendes@gmail.com.

environment, highlighting the importance of the works of Augustine and of the Roman Catholic theological tradition in the formulation of the theological thought of John Calvin and in the production of their institutions of the Christian religion. The doctrines analyzed were: predestination and unconditional election, pre-knowledge, total depravity and mystery, amillennialism, imprisonment of Satan and baptism of children. In addition, we sought in the theology produced by pre-Augustinian fathers of the church, some who formulated embryonic some of these doctrines present in Calvinist theology.

Keywords: Augustine; Calvin; Roman Catholicism; pre-Augustinian Church Fathers; reform; Calvinist theology.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende realizar um resgate das origens históricas do calvinismo e apresentá-lo como um sistema teológico que não se originou do cristianismo da igreja primitiva e nem de uma correta interpretação da Bíblia, mas sim das interpretações de Agostinho feitas com o auxílio da deturpada Bíblia Vulgata Latina de Jerônimo.

As Institutas da Religião Cristã de João Calvino foi a principal obra teológica predominante nos círculos teológicos protestantes tradicionais ditos “reformados”, e nos últimos anos teólogos influenciados por essa literatura popularizaram seus livros no meio evangélico pentecostal. Ao beberem em fontes de teólogos calvinistas, estudantes evangélicos pentecostais tornaram-se abertamente adeptos declarados deste sistema teológico, resultando em um crescimento exponencial de “pentecostais calvinistas”. Percebendo que esse fenômeno crescente conduz esses “novos calvinistas pentecostais” a conhecerem esta corrente teológica e suas raízes históricas apenas do ponto de vista dos eruditos da Teologia Calvinista, pretende-se neste artigo traçar um breve levantamento histórico-crítico do calvinismo. Para alcançar este fim, estabeleceu-se como objetivos: buscar as raízes do Calvinismo no catolicismo romano de Agostinho e retratar as

principais doutrinas antibíblicas do Calvinismo como *um produto romanista Agostinho-Calvino*.³

1 VIDA DO JOVEM CATÓLICO JEAN CHAUVIN

Jean Chauvin é o nome de João Calvino em Francês, o seu nascimento se deu em 10 de Julho de 1509 em Picardia, na cidade de Noyon, na França. Após entrar no *Collège de La Marche*, na Universidade de Paris, Calvino teve contato com o latim e passou a adotar a forma latinizada de seu nome como *Joannes Calvinus* (João Calvino) reflexo do seu amor e admiração por essa língua.⁴ João Calvino é o homem conhecido na história da igreja como o fundador do sistema protestante que leva o seu nome, ele era de uma devota e religiosa família católica romana de proeminência em uma cidade eclesiástica dominada pelo bispo local e seus sacerdotes assistentes.⁵

Seu pai foi Gerald Calvin, um advogado e tabelião que trabalhava como secretário e assessor jurídico do bispo de Noyon. Sua mãe, Jeanne Lefranc, faleceu quando ele tinha cinco ou seis anos de idade.⁶

Aos doze anos Calvino foi inserido pelo pai na folha de pagamento da Catedral Católica de Noyon e permaneceu nela por treze anos até um ano depois de sua aparente conversão ao protestantismo de Lutero.⁷

³ Entende-se como *um produto romanista Agostinho-Calvino* a produção teológica produzida a partir dos escritos de Agostinho e sua sistematização doutrinária por João Calvino na teologia da reforma (ou Calvinista).

⁴ HUNT, Dave. *Que amor é este?* São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva). p. 56.

⁵ *Ibid*, p. 56.

⁶ <http://www.mackenzie.br/7034.html>. Acessado em: 19/09/2016.

⁷ HUNT, Dave. *Que amor é este?* São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva). p. 56.

Este era um costume comum na época: apontar um garoto para um ofício na Igreja Católica, colocando-o na folha de pagamento, enquanto um sacerdote católico fazia o trabalho. O rendimento desta fonte de renda era usado para financiar a educação de Calvino.⁸

1.1 CALVINO, O TEÓLOGO CATÓLICO AGOSTINIANO

Em 1523 Calvino foi residir em Paris, onde estudou latim e humanidades no *Collège de la Marche* e teologia no *Collège de Montaigu*. Deve-se destacar que toda a educação (inclusive a teológica) e o começo da vida de Calvino foi no seio da tradição da Igreja Católica Apostólica Romana, sua educação foi projetada visando o preparar para o sacerdócio, ou seja, tornar o jovem *Jean* (Calvino) um padre. A sua carreira eclesiástica na Igreja Católica foi apoiada, estimulada e planejada por seu pai, como Calvino mesmo relata: “Meu pai planejou meu futuro na teologia desde minha infância. Mas quando ele refletiu que a carreira de direito provou ser em todo o lugar mais lucrativa para seus advogados, a possibilidade de repente o fez mudar de ideia”.⁹

Indo inicialmente para Paris a fim de estudar teologia, custeado pela Catedral de Noyon, algum tempo depois Calvino soube que o pai havia mudado de planos em relação ao seu futuro e queria que ele seguisse com estudos em Direito. Possivelmente essa mudança súbita deu-se devido ao seu pai, Gerald, ter sido demitido da igreja Católica e pouco tempo depois seu irmão, um padre, foi excomungado da igreja acusado

⁸ VANCE, Laurence M. *O outro lado do calvinismo*. p. 90. Extraído do site: www.Arminianismo.com.

⁹ HUNT, Dave apud BOUWSMA, William J. *João Calvino: A Sixteenth Century Portrait*. (Reino Unido: Oxford University Press, 1998). p. 56,57.

de heresia¹⁰. Como consequência disso, o pai de Calvino o envia em 1528 a *Orléans* para estudar Direito.¹¹ Apesar de inicialmente Calvino preparar-se para ser um sacerdote católico, sua carreira foi reorientada para o Direito, onde chegou em 1532 a obter o seu doutorado em *Orléans*, porém, ele acreditava que a sua verdadeira vocação estava no caminho da teologia. Com a morte de seu pai, em 1531, Calvino retornou a Paris para estudar literatura e os clássicos gregos e romanos,¹² mergulhando em um estudo apaixonado da literatura clássica e influenciado pelo humanismo, escreveu seu primeiro livro, um comentário sobre *De Clementia* de Sêneca.¹³

Calvino foi um jovem católico extremamente asséptico moralmente e nunca participava das diversões carnais de seus colegas, os quais eram até mesmos censurados por Calvino devido aos seus comportamentos promíscuos. Não são muito conhecidas as circunstâncias da conversão de Calvino à fé protestante, como destaca Vance em seu livro *O Outro Lado do Calvinismo*: “a única referência que Calvino diretamente fez à sua conversão é encontrada no prefácio de seu comentário sobre os Salmos, que foi escrito em 1557”.¹⁴ Embora ele possa ter sido convertido ao protestantismo, Calvino não rompeu oficialmente com a Igreja de Romana até viajar para Noyon e abandonar sua fonte de renda na catedral em 4 de maio de 1534.¹⁵ Vance novamente lança luz que fundamenta essa verdade: “[...] em junho de 1533,

¹⁰ HUNT, Dave. *Que amor é este?* São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva). p. 56.

¹¹ *Ibid*, p. 56.

¹² VANCE, Laurence M. *O outro lado do calvinismo*. p. 90. Extraído do site: www.Arminianismo.com.

¹³ *Ibid*, p. 90.

¹⁴ *Ibid*, p. 91.

¹⁵ VANCE, Laurence M. *O outro lado do calvinismo*. p. 91. Extraído do site: www.Arminianismo.com.

Calvino ajudou uma garota conseguir entrada (sic) em um convento de freiras”.¹⁶ Assim, o jovem Calvino ao se posicionar favorável à nova fé de Lutero, mostrava-se ainda um Católico extremamente apegado à tradição da Igreja de Roma, essa informação nos leva a refletir se Calvino realmente queria romper com as ordenanças e os sacramentos da Igreja ou desejava, assim como Lutero, tentar reformar o sistema eclesiástico da corrupta Igreja Católica Apostólica Romana, preservando aspectos da teologia agostiniana.

Segundo Will Durant, João Calvino ainda era um devoto católico, quando o mesmo dedicava-se ao humanismo, neste período ele entrou em contato com alguns sermões do maduro reformador Lutero, então o jovem católico Calvino surpreendeu-se com as ideias ousadas daquele monge agostiniano.¹⁷ Calvino logo ficou atraído a círculos de jovens intelectuais e humanistas desejosos a desencadear a reforma em Paris, na França.

Em Janeiro de 1534, recém saído do catolicismo de Roma, Calvino tornou-se o defensor público das ideias de Lutero, tanto que ele teve que fugir de Paris por conta da perseguição, refugiando-se na cidade de Angoulême na França na região Aquitânia-Limusino-Poitou-Charentes. Nesta cidade ele começou a escrever sua maior e mais conhecida obra: *As Institutas da Religião Cristã*, e de forma notável finalizou sua primeira edição no ano seguinte em 1535¹⁸ aos 25 ou 26 anos de idade, um produto de sua mente jovem, criativa e imatura, influenciada pela deturpada Bíblia Católica Vulgata Latina. Antes de iniciar seu principal trabalho teológico, *As Institutas*,

¹⁶ Ibid, p. 91.

¹⁷ DURANTE, Will. *The Reformation: parte VI The Story of Civilization*. Nova Iorque: Simon and Schuster, 1957. p. 460.

¹⁸ HUNT, Dave. *Que amor é este?* – São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva). p. 57.

Calvino já tinha lido alguns dos Pais Católicos da Igreja, o trabalho do teólogo humanista Erasmo de Roterdão e a *Cidade de Deus* de Agostinho.¹⁹

Embora Calvino tenha se familiarizado com os escritos dos Pais da Igreja Primitiva, ele guardou e preservou os ensinamentos de um em particular com muita estima e apego, que nas suas palavras ele descreve “como o melhor e mais confiável testemunho de toda a antiguidade”.²⁰ Trata-se do famoso bispo de Hipona, reverenciado pela Igreja Católica como “Santo Agostinho”, o homem que defendeu o uso da força, da tortura e até mesmo da morte para conter o avanço dos donatistas no quarto século, estes últimos eram cristãos verdadeiros que romperam com a Igreja Católica devido as heresias da mesma. Agostinho fundamentava essa perseguição aos chamados “hereges”, baseado na sua infeliz exegese de Lc 14.23, como ele mesmo afirma:

Por que, então, a igreja não usaria a força ao compelir os seus filhos perdidos a retornar? [...] O próprio Senhor disse: “sai pelos caminhos e valados a compeli-los a entrar [...]”. Portanto, é o poder que a Igreja recebeu [...] através do caráter religioso e da fé dos reis [...] o instrumento pelo qual aqueles que são encontrados nos caminhos e valados – isso é, em heresias e cismas – sejam compelidos a entrar, e que eles não reclamem de serem compelidos.²¹

As obras de Agostinho foram as que mais influenciaram a teologia de Calvino e sua práxis em Genebra. O criador do “Calvinismo Bíblico” levou tão literalmente os ensinamentos de Agostinho que 1200 anos

¹⁹ VANCE, Laurence M. *O outro lado do calvinismo*. p. 91. Extraído do site: www.Arminianismo.com.

²⁰ CALVINO, João. *Institutes*. p. 1303 (IV.xiv.26).

²¹ BROADBENT, E. H. *The pilgrim church*. (Port Colborne, ON: Gospel Folio Press, reimpressão 1999), p. 49.

mais tarde, Calvino usou o método da forçar para manter a frequência das pessoas na igreja e a sua participação nos sacramentos através de ameaças e até morte contra os cidadãos de Genebra.²² O historiador Henry H. Milman escreve: “o agostinianismo foi desenvolvido em um sentido ainda mais rígido e inflexível através do intelecto severo de Calvino”.²³ A exegese agostiniana do texto de Lc 14.23 foi a justificativa de Calvino para defender essa postura em Genebra.

As Institutas da Religião Cristã de Calvino é a prova mais segura desta tão forte influência de Agostinho na Teologia Calvinista, pois o nome do bispo de Hipona é citado nada menos do que quatrocentas vezes na principal obra Calvinista.²⁴ Apesar dos calvinistas afirmarem que “Calvino usa as opiniões de Agostinho somente como corroboração da Escritura”,²⁵ porém percebe-se que de cinco em cinco páginas das *Institutas* de Calvino o nome do Santo Católico é citado até mais do que a própria Escritura Inspirada.

Como foi dito Calvino cita Agostinho mais de quatrocentas vezes só nas suas *Institutas*, apesar de diversas vezes esse reformador afirmar que suas conclusões foram obtidas a partir das páginas da Bíblia Sagrada, títulos como “homem santo”²⁶ e “pai santo”²⁷ dados a Agostinho, levanta o questionamento se Calvino realmente obteve sua teologia da Bíblia ou se ele utilizou a Bíblia apenas para sustentar a sua visão agostiniana de

²² HUNT, Dave. *Que amor é este?* São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva). p. 73.

²³ MILMAN, Henry H. *History of christianity*. (Nova Iorque: A.C. Armstrong and Son, 1886). Vol. 3. p. 176.

²⁴ VANCE, Laurence M. *O outro lado do Calvinismo*. p. 121. Extraído do site: www.Arminianismo.com.

²⁵ CALVINO, João. *Institutes*. p. lviii.

²⁶ CALVINO, João. *Eternal predestination*. pp. 39, 146, 148, 149.

²⁷ *Ibid.*, pp. 39, 146, 148, 149.

Deus. A sua declaração: “Agostinho está tão inteiramente comigo, que se eu quisesse escrever uma confissão de minha fé, eu poderia fazer com toda integridade e satisfação a mim mesmo de seus escritos”,²⁸ parece apoiar esse nosso ponto vista. Além de que, Calvino faz questão de encerrar sua introdução para a última edição de suas Institutas com uma citação de Agostinho.²⁹

Calvino também teve “ajuda” de uma ferramenta fundamental na elaboração de suas ideias teológicas, a popular Bíblia Vulgata Latina de Jerônimo. Dave Hate concorda com essa afirmação em sua obra muito bem documentada denominada de *Que Amor é Este?* ao declarar: “Na verdade, quando ele [Calvino] ainda era um católico romano ele já tinha chegado a essa conclusão [Teologia Determinística] a partir dos escritos de Agostinho e na gravemente corrompida Bíblia Católica Romana oficial, a *Vulgata Latina* (grifo nosso)”.³⁰

Todas essas evidências sugerem que o Calvinismo em todo o seu sistema teológico, inclusive a sua Escatologia, merece ser investigado criteriosamente antes de ser adotado e difundido como uma teologia que se originou fielmente de uma interpretação correta da Bíblia, o que penso, não foi. Principalmente por parte de cristãos pentecostais, que pertencem a uma tradição teológica fortemente wesleyana, que passam a professar o Calvinismo como sua teologia principal, sem nem mesmo antes terem buscado saber deste outro lado de João Calvino e da origem da sua teologia ocultada ao longo de séculos por teólogos chamados reformados.

²⁸ CALVINO, João. *Eternal predestination*. p. 38.

²⁹ VANCE, L. M. apud CALVINO, J. “*John Calvin to the reader*” em Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. p. 121.

³⁰ HUNT, Dave. *Que amor é este?* – São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva). p. 67.

Logo, pode-se concluir que se Calvino estava errado, e estava, ao defender as ideias absurdas de Agostinho acerca do uso da força para compelir pessoas a igreja, ele também possivelmente deve ter deturpado as principais doutrinas da Igreja Primitiva, expondo-as através dos “óculos” do agostinianismo e ensinadas como o Cristianismo verdadeiramente Bíblico. São algumas dessas doutrinas que exporemos no próximo ponto.

2 ALGUMAS DOCTRINAS AGOSTINIANAS-CALVINISTAS

Segue algumas das doutrinas do Calvinismo que são um produto do binômio Agostinho-Calvino com o auxílio da Vulgata Latina.

2.1 Predestinação e eleição

Uma das principais e mais polêmicas doutrinas de Calvino obtidas da sua imersão nos escritos de Agostinho, é acerca da predestinação e eleição, doutrina que ele também afirma que derivou da Bíblia, mas que na verdade ele já havia deturpado enquanto ainda era um jovem devoto católico. Calvino afirma que para sua glória, Deus predestinou vastas multidões à condenação eterna, sem lhe permitir qualquer escolha, conforme suas próprias palavras:

Uma vez que esteja na mão de Deus a disposição de todas as coisas [...] assim ordena que entre os homens nasçam aqueles destinados à morte certa desde a madre, para que, por meio de sua condenação, Lhe glorifiquem o nome.³¹

³¹ CALVINO, João. *Institutes*. Vol.3. xxiii.6.

Mais uma vez a influência determinística de Agostinho está presente no pensamento doutrinário de Calvino, como o próprio Calvino declara:

Segundo o arbítrio de Seu beneplácito [consentimento, aprovação], Deus elege por filhos, sem nenhum mérito, aqueles a quem Lhe apraz, rejeitando e reprovando os de mais [...] é justo que o juiz se mostre justo punindo [...] *essas afirmações de Agostinho se enquadram mui esplendidamente* [...]. Quando os outros vasos são feitos para desonra, isso deve ser lançado à conta não da iniquidade, mas do juízo [de Deus incondicionalmente]³² (grifo nosso).

Estas declarações evidenciam que a doutrina da predestinação e da eleição do Calvinismo é totalmente agostiniana e não tem nada de Bíblica, uma vez que em nenhum lugar da Escritura existe uma referência que sustenta essa possibilidade absurda, que contraria o caráter bondoso e amoroso de Deus que tem interesse na salvação dos homens desde o Antigo Testamento até o Novo. Além de que, os textos da Escritura que fazem referência a predestinação e eleição para a salvação, já mais fazem menção de um grupo seletivo de eleitos incondicionalmente, mas pelo contrário trata de uma predestinação com um princípio cooperativo e condicionado individualmente a aceitação de Jesus Cristo, como Paulo relata em Ef 1.4-5: “[...] como também *nos* elegeu nele [Jesus]...e *nos* predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito (consentimento) de sua vontade” (grifo nosso). Verifica-se que Paulo não apresenta uma predestinação dupla, na perspectiva calvinista uns predestinados para o céu e outros para o inferno desde a madre, o apóstolo deixa claro que para ser predestinado à salvação, a pessoa deve tomar parte na eleição de Deus em Cristo e não individualmente.

³² Ibid., 10-11.

2.2 Presciência ou pré-conhecimento de Deus

Segundo Agostinho quando a Bíblia fala de presciência ou pré-conhecimento de Deus sobre todos os eventos futuros, trata-se do mesmo que a predestinação determinística. Assim, a presciência ou pré-conhecimento de Deus causa todos os eventos futuros, inclusive o pecado³³ e todas as catástrofes sobre a Terra, como por exemplo o extermínio dos Judeus por Hitler. Calvino copiou fielmente este posicionamento de Agostinho acerca da visão extremada da Soberania de Deus, onde Deus é o autor e a causa primeira de tudo que acontece no universo independente da vontade humana, sendo Deus novamente colocado como o autor do pecado da humanidade.³⁴

Mesmo quando o apóstolo Paulo inspirado por Deus declara o contrário: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, [...]”³⁵ e também “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para a condenação, assim também veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, [...]”³⁶ Novamente a Bíblia não dar nenhuma possibilidade de se colocar Deus como o autor do pecado da humanidade, esse pensamento chega até próximo da blasfêmia.

2.3 Depravação total e “mistério”

Por depravação total, o calvinismo advoga que todos os homens estão mortos no pecado, ou seja, totalmente incapacitados ou inabilitados

³³ Agostinho. *On the gift of perseverance*. Capítulo 47. Disponível em <<http://whitefield.freeservices.com/augustine%2006.html>>.

³⁴ CALVINO, João. *Institutes*. Vol.3. xxiii.6.

³⁵ TARSO, Paulo. *Epístola aos Romanos*. Capítulo 5 e versículo 12.

³⁶ *Ibid.*, Capítulo 5 e versículos 18,19.

espiritualmente em desejar servir a Deus por sua própria natureza humana em decorrência da queda de Adão. Em parte essa doutrina tem base bíblica, fundamentada por Ef 2.1: “...estando vós mortos em ofensas e pecados”. O distanciamento do calvinismo da Escritura ao declarar esta verdade se dá quando ele afirma que “Deus arbitrariamente vivifica alguns homens mortos espiritualmente para que estes venham a crer, sem que este saiba o que está ocorrendo naquele momento, da mesma forma arbitrária, Deus abandona o restante da humanidade, que foi reprovada e só Deus sabe o critério da sua reprovação, para que esta se afunde no pecado e vá para o inferno”.³⁷ Outros calvinistas na tentativa de exaltar ainda mais a soberania de Deus, como se ela necessitasse do homem para assim ser, afirmam de forma mais radical que Deus dar vida a alguns homens mortos no pecado e colabora para que o restante permaneça no pecado e pequem, apesar de alguns realmente merecessem isso, e já mais cheguem a serem salvos, pois este é o desejo de Deus.

O calvinismo afirma que “para uma pessoa crer no evangelho e ser salva, antes precisa ser uma eleita, assim, Deus primeiramente regenera e em seguida Deus produz a fé nela para crer no evangelho”,³⁸ ou seja, na prática a pessoa sofre o processo da regeneração antes mesmo de ouvir, crer e se converter a Cristo. Como diz o respeitado apologista Hunt: “Em nenhum lugar da Escritura, no entanto, há a sugestão de que o homem deve ser regenerado antes que ele possa ser salvo pela fé em Cristo. De fato, muitas Escrituras declaram o oposto, por exemplo, ‘[...] que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus’ [...] (2Tm 3.15)”. Em toda a Bíblia a fé sempre vem antes da regeneração.

³⁷ CALVINO, João. *Institutes*. Vol.3. xxiii.7.

³⁸ PALMER, Edwin H. *The five points of calvinism*. Ed. Aum. Grand Rapids, MI: Baker Books, impressão de 1999. p. 19.

Essa visão extremada acerca da depravação e a postura de Deus diante dos pecadores é mais um dos “presentes teológicos” que Agostinho deixou para o calvinismo, pois é afirmado “[...] depois de Paulo ele foi o primeiro a perceber a Depravação Total do homem”.³⁹ às vezes se questiona se Calvino confiava mais em Agostinho do que na Escritura.

Ao serem questionados acerca da razão pela qual Deus dar da Sua Graça Irresistível a um grupo seletivo de eleitos e outros Ele simplesmente abandona ao inferno, os calvinistas invocam o “mistério”. E o que é no mínimo contraditório, é que na teologia de Calvino, Deus manda os reprovados para o inferno e estes condenados ainda são os próprios responsáveis pela sua condenação eterna mesmo sendo esta decretada por Deus. É perturbador quando um cristão se depara com essa afirmação, e ouvi de seus defensores que isso são alguns “dos paradoxos irreconciliáveis que têm por necessidade a aparência de contradição”.⁴⁰ Eles utilizam exemplos como a Trindade, para traçar um paralelo de aparente contradição de uma doutrina que é ortodoxa e que se choca com a nossa lógica. Porém, a inconsistência dessa analogia é que a Trindade é uma doutrina que encontra fundamento em toda a Bíblia para se sustentar que mesmo Deus sendo único, Ele subsiste eternamente em três pessoas distintas, indivisíveis de mesma essência divina, mas a doutrina da reprobção de Deus a um certo grupo de não eleitos, não é encontrada em nenhum texto da Bíblia e sim refutada por textos como João 3.16, Tito 2.11 e outras referências.

³⁹ CUSTANCE, Arthur C. *The sovereignty of grace*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979. p. 18.

⁴⁰ TIL, Cornelius Val. *Common grace and the gospel*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing. 1973. p. 165-166.

Todo esse cenário fatalista defendido pelos calvinistas como a “base do evangelho bíblico nutrido por tantos santos por séculos”⁴¹ é simplesmente um dos “ramos” de uma “árvore” que cresceu com a mente jovem e imatura de Calvino a partir da semente plantada pelo católico Agostinho de Hipona. Pois, se nos reportarmos aos pais pré-agostinianos, não encontraremos evidências definitivas de que os cristãos primitivos negassem a vontade humana (livre arbítrio) na operacionalização da salvação (*Ordo Salutis*), conforme o teólogo batista Thiago Titillo sustenta “os maiores representantes da patrística oriental e ocidental não viam na realidade do pecado e na necessidade da graça quaisquer empecilhos ao livre-arbítrio”.⁴² Muito menos, se encontra nos escritos dos pais primitivos alguma ideia de que Deus lança as pessoas no inferno sem antes dar lhes a oportunidade de optarem pela salvação das suas almas através do livre arbítrio libertário. Além de que, não há registro de algum dos pais pré-agostinianos recorrerem ao “mistério” para conciliar a contradição de que Deus arbitrariamente reprova multidões ao inferno sem nenhum critério e ainda assim o “condenado” é responsável pelo seu triste destino no sofrimento eterno.

A princípio a Depravação Total é bíblica quando é afirmada que realmente o homem está “morto” no pecado e seu arbítrio doente e inclinado continuamente para o mal. Em consequência disso, o homem não tem como encontrar forças em si mesmo para dar o primeiro passo em direção a Deus por causa da sua natureza caída. Deus sempre inicia o processo de redenção em direção ao homem na *Ordo Salutis*, a fim resgatá-

⁴¹ PIPER, John. *TULIP: The pursuit of God’s glory in salvation*. (Minneapolis, MN: Bethlehem Baptist Church, 2000). Contracapa.

⁴² TITILLO, Thiago. *A gênese da predestinação na história da teologia cristã*. Junho/ 2016. p. 161,197.

lo desta “morte espiritual”, ou seja, na operacionalização da salvação no primeiro momento o homem não tem nenhuma participação neste dom que vem de Deus (Ef 2.8), esta primeira fase da *Ordo Salutis* é a manifestação da graça preveniente de Deus, graça esta que é poderosa para libertar o arbítrio do homem, mas que não torna ninguém em santo.⁴³

Porém, refuta-se pela Bíblia que o termo “morte” de Ef 2.1 é a mesma morte biológica do homem, como afirma o calvinismo. Pois, “se está morto em ofensas e pecados”, ser o mesmo que um defunto com suas funções biológicas cessadas, então assim como um morto fisicamente não tem vontade, pois é um defunto, este morto não pode ser acusado de cometer algum crime, logo a analogia feita com Ef 2.1 para ser sustentada exaustivamente deve-se também concluir que o homem “morto espiritualmente” não pode ser responsabilizado pelos seus atos, na realidade, ele não pode nem pecar, pois está “morto”.

Essa analogia do ponto de vista calvinista não tem base bíblica, pois na própria Epístola aos efésios Paulo usa a palavra “morto” em outro contexto, como em Ef 5.14: “Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá”, se o termo “morto” nesta passagem é o mesmo que está morto fisicamente, então Paulo não deveria persuadir este defunto a se levantar e ouvir, pois o mesmo não ouviria e nem muito menos se levantaria. Este texto desconstrói toda a argumentação em torno do raciocínio calvinista de comparar a morte espiritual com a morte física.

Quando Deus parte em um primeiro momento em direção ao homem com sua graça preveniente, nesta fase seria um monergismo,

⁴³ COLLINS, Kenneth J. *Teologia de John Wesley*. – 4ª impressão: 2015 tiragem 500 – Rio de Janeiro. Editora: CPAD. (Tradução Lena Aranha). p. 103.

esta graça traz consigo a salvação e o livre arbítrio libertário que restaura o livre arbítrio debilitado, doente, débil, escravo do homem, o capacitando agora em um segundo momento a tomar uma decisão por aceitar a graça de Deus em querer salvá-lo ou de resistir a essa graça, nesta fase seria um sinergismo. Essa concepção de livre vontade (livre arbítrio libertário) do homem no processo da salvação parece estar presente nos pais pré-agostinianos. O teólogo Tiago Tittilo em seu livro “A Gênese da Predestinação na História da Teologia Cristã”, faz um resgate e análise sustentado essa ideia, como segue em suas palavras:

Por outro lado, o livre arbítrio como dom de Deus às suas criaturas racionais não surge com Pelágio. O próprio Agostinho, antes do aparecimento de Pelágio, já advogava como necessário à responsabilidade humana. Negar o livre-arbítrio era negar que os homens fossem verdadeiramente responsáveis por suas ações. *E mesmo antes de Agostinho, o livre-arbítrio fora ensinado pelos pais da igreja.*⁴⁴ (grifo nosso)

E até teólogos calvinistas concordam com a afirmação de Tittilo, como cita Berkhof:

É fato seguro, que desconhece exceções, reconhecido por todos quantos são versados na questão, que todos os Pais préagostinianos ensinavam que na apropriação da salvação há cooperação entre liberdade humana e graça divina.⁴⁵

Logo, a ideia de uma Depravação Total que nega a liberdade humana diante da operacionalização da salvação não pode ser sustentada pelas Escrituras e nem encontra base na tradição teológica dos pais da igreja antes de Agostinho.

⁴⁴ TITILLO, Thiago. *AA gênese da predestinação na história da teologia cristã*. Junho/2016. p. 161.

⁴⁵ TITILLO, Thiago apud Berkhof. *A gênese da predestinação na história da teologia cristã*. Junho/2016. p. 161.

2.4 Amilenismo e prisão de Satanás

A escatologia do Calvinismo é baseada em um método que espiritualiza boa parte das passagens bíblicas⁴⁶ que tratam dos eventos dos últimos dias, este tipo de interpretação é denominada de preterista.⁴⁷ Neste sistema escatológico, não haverá um Reino milenar e físico de Cristo sobre a terra, apesar de inúmeras referências no AT e NT fazerem alusões a este evento. O Reino Eterno e espiritual de Cristo já está em plena atividade desde quando Jesus deu o último brado na Cruz no Gólgota. Os “mil anos” que são mencionados seis vezes em Ap 20.1-7, de acordo com o Calvinismo, é apenas um número simbólico, que indica um período de tempo iniciado na primeira vinda de Cristo e que nunca terminará.

Este modo de entender a escatologia é chamado de Amilenismo ou Amilenarismo. O “A” indica a negação de um milênio literal, apesar de muitos autores calvinistas não adotarem a nomenclatura “AMILENISTA” ou até mesmo afirmarem que “a ideia de um milênio, quer imediatamente antes ou depois da segunda vinda [...] não seja parte integrante da Teologia Calvinista”.⁴⁸ Eles tomam partido acerca da negação de um Reino Literal e Físico de Cristo na Terra, como concorda o teólogo Louis Berkhof, calvinista declarado, ao afirmar:

A teologia reformada não pode permitir-se ignorar os generalizados conceitos milenistas dos dias atuais, mas deve definir a sua posição com respeito a esses conceitos. Alguns que esperam um milênio no futuro afirmam que o Senhor voltará antes do milênio e, portanto, são chamados pré-milenistas; ao passo que outros acreditam que a sua segundo vinda ocorrerá após o milê-

⁴⁶ GILBERTO, Antonio et al. *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 532.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 533.

⁴⁸ BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3ª ed. – revisada – Editora Cultura Cristã, 2009. p. 653.

nio, e, daí, são conhecidos como pós-milenistas. Numerosos são, porém, os que não creem que a Bíblia autoriza a expectativa de um milênio, sendo costume falar deles como amilenistas.⁴⁹

O que o respeitado autor Berkhof faz é reproduzir o que Calvino declarou em suas Institutas:

Mas um pouco adiante seguiam os *chiliasts*, que limitavam o reino de Cristo a mil anos. Agora sua ficção é ingênua demais para necessitar ou valer a pena uma refutação. E o Apocalipse, do qual eles indubitavelmente tiraram um pretexto para seu erro, não os apoia. Pois o número “mil” não aplica à bemaventurança eterna da igreja mas somente às várias turbações que esperavam a igreja, enquanto ainda trabalhando na terra.⁵⁰

De acordo com o conteúdo do texto anterior Calvino não aceitava qualquer conceito de um reino físico de Cristo de mil anos literais. Esta é mais uma doutrina que Calvino elaborou ecoando o seu mentor Católico Romano Agostinho. Apesar de alguns autores calvinistas afirmarem que “Calvino foi o primeiro a rejeitar o costume de alegorizar as Escrituras”,⁵¹ a interpretação alegórica das Escrituras, sugerida por Agostinho, foi a razão pela qual os católicos ensinavam que não haveria um reino milenial literal de Cristo na Terra, a mesma doutrina pregada pelos calvinistas hoje. Além do milênio de Ap 20, Agostinho também alegorizou outras passagens da Bíblia tais como: o relato da criação e os seus seis dias,⁵² passagens fundamentais para a ortodoxia cristã que depende de um relato literal desses eventos.

Agostinho ao alegorizar Ap 20 lança para as gerações futuras uma contradição sem precedentes na teologia cristã, ele afirma em seus escritos que “Satanás está agora preso” baseado em uma interpretação alegó-

⁴⁹ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. 3ª ed. – revisada – Editora Cultura Cristã, 2009. p. 653.

⁵⁰ CALVINO, João. *Institutes*. p. 995 (III.xxv.5).

⁵¹ VANCE, L. apud BOETTNER. *O outro lado do calvinismo*. p. 129.

⁵² HUNT, Dave. *Que Amor é Este?* São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva). p. 80.

rica de Ap 20.1-3. O bispo de Hipona afirma que desde quando Satanás foi preso simbolicamente “os homens (eleitos) são, e sem dúvida até o fim do mundo (fim do milênio alegórico) serão, convertidos da incredulidade, na qual ele (Satanás) os aprisionam”.⁵³ E ainda mais, o abismo de Ap 20.3 que Satanás foi lançado, é algo interpretado por Agostinho como as profundezas dos corações cegos daqueles que rejeitam a Cristo. Este ensinamento é irracional, pois o mundo e suas maldades são provas de que existe uma força sobrenatural induzindo o homem contra Deus. E totalmente antibíblica, uma vez que Agostinho contraria passagens como: “Sede sóbrios, vigiai. O vosso adversário, o Diabo, anda em derredor, rugindo como leão, e procurando a quem possa tragar” registrada em 1Pe 5.8.

Logo, percebesse que Calvino não foi o “maior exegeta” que a teologia cristã já teve, pois o mesmo tropeçou em doutrinas básicas que já eram conhecidas desde a época dos pais da igreja, rejeitando a tradição teológica da igreja primitiva e interpretando a Bíblia pela hermenêutica alegórica de Agostinho.

2.5 O Batismo de crianças

O Calvinismo defende o batismo de crianças, alegando que “os infantes devem ser batizados para futuro arrependimento e fé, ainda que estes não tenham sido formados neles, a semente de ambos jazem escondidas dentro deles pela operação secreta do Espírito”.⁵⁴ Como não existe base para isso no Novo Testamento, eles recorrem a inferências indiretas e analogias tiradas da circuncisão como um símbolo de aliança entre Deus e o seu povo (igreja).

⁵³ Ibid. p. 80.

⁵⁴ CALVINO, João. *Institutes*. p. 1343 (IV.xvi.20).

Mais uma vez existe a semente de Agostinho nesta doutrina claramente antibíblica, ele defendia que o batismo era necessário para a remissão dos pecados. E se o batismo era essencial, então quanto mais cedo melhor, daí o batismo de crianças.⁵⁵ A doutrina católica do batismo de crianças na teologia agostiniana defendia que as crianças que morressem sem serem batizadas estavam condenadas, conforme as próprias palavras de Agostinho:

De forma que os infantes, a menos que entrem para o número de crentes através do sacramento [batismo] que foi divinamente instituído para este propósito, indubitavelmente irão permanecer nesta escuridão.⁵⁶

Não há, então, nenhuma salvação eterna prometida aos infantes fora de seu próprio juízo, sem o batismo de Cristo.⁵⁷

Como nada mais é efetuado quando os infantes são batizados, exceto que eles são incorporados na igreja, em outras palavras, que eles estão unidos com o corpo e membros de Cristo, a menos que este benefício tenha sido concedido a eles, eles estão manifestamente em perigo de condenação.⁵⁸

A princípio Agostinho acreditava que as crianças que morriam sem serem batizadas eram condenadas à perdição eterna, mas posteriormente ele mudou sua posição e sugeriu que estas crianças eram enviadas para o *limbus infantum*,⁵⁹ que era um lugar neutro à margem do inferno, onde os não regenerados sem culpa pessoal não gozam da bem-aventurança eterna e nem recebem quaisquer punições.⁶⁰

Por causa desta doutrina, o batismo de criança para a regeneração, o bispo de Hipona legalizou a perseguição e execução de qualquer um

⁵⁵ VANCE, Laurence M. *O outro lado do calvinismo*. p. 62. Extraído do site: www.Arminianismo.com.

⁵⁶ AGOSTINHO. *On the merits and forgiveness of sins*. 1.35.

⁵⁷ *Ibid.* 1.33.

⁵⁸ *Ibid.*, 3.7.

⁵⁹ VANCE, Laurence M. *O outro lado do calvinismo*. p. 66. Extraído do site: www.Arminianismo.com.

⁶⁰ TITILLO, Thiago. *A gênese da predestinação na história da teologia cristã*. p. 134. São Paulo: Editora Reflexão – Junho/2016.

que rebatizasse alguém. Esse foi um dos argumentos que levou Agostinho a implementar a perseguição e morte dos donatistas. O donatismo foi um movimento do quarto século que pregava a pureza da igreja e que rebatizavam as pessoas que vinham do catolicismo romano já batizados quando criança, Agostinho os considerou como “hereges”.⁶¹

Seguindo os passos de seu mestre Agostinho, Calvino defendeu o batismo dos infantes, o reformador de Genebra acreditava que o batismo transformava uma criança em um dos eleitos.⁶² Ele afirmava que se a criança fosse batizada em quanto católica, aquele batismo era eficaz para garantir a sua entrada no reino de Deus. Porém, o mais “bizarro” é que Calvino defendia que os filhos dos crentes, até os não batizados, estavam automaticamente entre os eleitos.⁶³

Logo, desse ponto de vista, no calvinismo o batismo é o elemento principal para que um indivíduo seja salvo e entre no reino de Deus, e não a fé no Evangelho de Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o exposto neste artigo, concluiu-se que a tradição teológica calvinista que nasceu com o francês João Calvino, possui laços históricos com a teologia católica agostiniana. Agostinho de Hipona é a figura mais importante na formulação dos conceitos chaves dentro da Teologia Calvinista, de modo que ele desenvolveu embrionariamente o que se chama nos dias atuais de “doutrinas da graça”, além de outras doutrinas muito conhecidas dentro do Calvinismo. Apesar de muitos cristãos tradicio-

⁶¹ HUNT, Dave. *Que Amor é Este?* São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva). p. 73.

⁶² *Ibid.* p. 550.

⁶³ *Ibid.* p. 551.

nais calvinistas e até mesmo muitos pentecostais defenderem o Calvinismo como uma teologia que mais se aproxima da ortodoxia bíblica da igreja apostólica e da patrística, não existem fontes seguras que provem que os pais da igreja pré-agostinianos defendiam embrionariamente as principais doutrinas da Teologia Calvinista. Calvino muitas das vezes em suas obras parece ignorar a Escritura e se apegar a tradição católica defendida por Agostinho em suas obras.

Assim, doutrinas conhecidas como determinismo absoluto de Deus sobre todas as coisas inclusive o mal e o pecado, negação da vontade humana (livre arbítrio) na operacionalização da salvação, depravação total e mistério, amilenismo, Satanás preso e batismo de crianças, como foi visto, são um produto Agostinho-Calvino que contraria muitas referências bíblicas e a própria teologia patrística, se apoiando mais nos escritos agostinianos do que na Escritura Sagrada.

Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 8, n.1, p. 179-202 jan./jun. 2017.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *On the gift of perseverance*. Capítulo 47. Disponível em: <http://whitefield.freesevices.com/augustine%2006.html>
- BERKHOF, Louis. *A história das doutrinas cristãs*. Tradutores: João Marques Bentes e Gordon Chown. São Paulo: publicações Evangélicas Seleccionadas.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3ª ed. – revisada – Editora Cultura Cristã, 2009.
- BOUWSMA, William J. *João Calvino: A sixteenth century portrait*. (Reino Unido: Oxford University Press, 1998).
- BROADBENT, E. H. *The pilgrim church*. (Port Colborne, ON: Gospel Folio Press, reimpressão 1999).
- CALVINO, João. *Institutes of the christian religion*. Publicado a primeira vez em 1536.
- CALVINO, João. *Eternal predestination*.
- CUSTANCE, Arthur C. *The sovereignty of grace*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co.1979.
- DURANTE, Will. *The reformation: parte VI the story of civilization*. Nova Iorque: Simon and Schuster, 1957.
- GILBERTO, Antonio. et al. *Teologia sistemática pentecostal*. Editora CPAD - 8ª impressão – 2015 Tiragem 1000.
<http://www.mackenzie.br/7034.html>. Acessado em: 19/09/2016.
- PALMER, Edwin H. *The five points of calvinism*. Ed. Aum. Grand Rapids, MI: Baker Books, impressão de 1999.
- PIPER, John. *TULIP: The pursuit of God's glory in salvation*. (Minneapolis, MN: Bethlehem Baptist Church, 2000).
- TARSO, Paulo. *Epístola aos Romanos*. Capítulo 5 e versículo 12.
- TITILLO, Thiago. *A gênese da predestinação na história da teologia cristã*. São Paulo: Editora Reflexão, 2015.
- TIL, Cornelius Val. *Commom grace and the gospel*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing.
- MILMAN, Henry H. *History of christianity*. (Nova Iorque: A.C. Armstrong and Son, 1886). Vol. 3.
- VANCE, Laurence M. *O outro lado do calvinismo*. Traduzido e publicado pelo site www.Arminianismo.com.
- HUNT, Dave. *Que Amor é Este?* São Paulo: Editora Reflexão 2015. (Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva).